

ANÁLISE do DIRECIONAMENTO que é DADO ao ENSINO
de LÍNGUA PORTUGUESA a NÍVEL de ESCOLA

Vera Maria dos Santos Canto
Erena Bernardy

O presente texto visa a relatar os resultados da pesquisa realizada em duas escolas de Rio Pardo, procurando questionar até que ponto o trabalho com Língua Portuguesa realiza-

do na escola estaria direcionado para o ensino desta mesma língua como instrumento de comunicação.

Em verdade, uma tentativa em definir o que se pretende com o ensino de Português e como este ensino vem sendo desenvolvido a nível de escola, é tarefa bastante abrangente.

Nossa proposta foi modesta e procurou focar o ensino da língua a nível de professor, embora se reconheça que, a posteriori, novas questões poderiam ser levantadas no sentido de se fazer uma análise criteriosa da aprendizagem da língua pelo aluno, levando-se em conta o seu ambiente lingüístico e suas reais necessidades de comunicação.

A tarefa a que nos propomos está concluída e acreditamos que os resultados obtidos serão subsídios preciosos para a cadeira de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, disciplina que aprofundaremos no Curso de Pós-Graduação.

As autoras

INTRODUÇÃO

O *que ensinar* e o *como ensinar* estão subordinados à concepção que se tem de uma língua e ao *porquê ensinamos o que ensinamos*. De fato, os conteúdos ensinados, as atividades desenvolvidas com o aluno, a bibliografia utilizada, o sistema de avaliação empregado - tudo revela um posicionamento do professor, sua concepção de linguagem e sua postura quanto à educação, como diz Geraldí.

Nesta pesquisa, tomando-se a língua como o instrumento por excelência para que a comunicação se efetive, tentou-se estabelecer um paralelo com o ensino corrente em duas escolas de Rio Pardo: Nossa Senhora Auxiliadora - 19 e 29 Graus (particular) e Unidade Estadual de Ensino Biagio Soares Tarantino (pública) enfocando, mais especificamente, as turmas de 7^a série no período de março a outubro de 1981.

Como pano de fundo usou-se o respaldo legal preconizado na Lei 5692/71 que norteia os rumos da educação em âmbito nacional. Da mesma forma, utilizou-se para embasamento teórico colocações de Eddy Roulet, Maurício Gnerre, João Wanderlei Geraldí, Hymes e Bourdieu.

Diante do problema que motivou este trabalho, levantou-se a seguinte hipótese: *as atividades que operacionalizam*

os objetivos previstos pelo professor no ensino de língua portuguesa devem revelar o ensino da língua como instrumento de comunicação.

A partir de então, tomando-se como variáveis: "Língua" - "Comunicação" - Objetivo - e "Atividades" partiu-se para um levantamento de dados usando como amostragem os planejamentos dos professores, seus registros diários de atividades e, de acordo com a necessidade, cadernos e livro-texto de alunos.

Realizaram-se, da mesma maneira, contatos informais com os professores no sentido de melhor esclarecer como foram realizadas as tarefas propostas.

O registro e análise destes dados e a conclusão final a que se chegou se acham descritos nas páginas seguintes deste relatório.

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Um levantamento dos objetivos previstos pelos professores de língua portuguesa para as turmas de 7^{as} séries no ano em curso revelou que:

a) Os objetivos não surgiram a partir da análise das situações lingüísticas mais correntes e de um conhecimento das reais necessidades de comunicação e expressão do próprio aluno.

Os objetivos foram traçados a partir de conteúdos programáticos previstos para a 7^a série.

b) Dos 45 objetivos checados em diferentes planejamentos, 42 eram sobre gramática, 1 sobre leitura, 1 sobre interpretação, 1 sobre redação. Observou-se que atividades desenvolvidas como "treinamento da expressão oral", não figuraram entre os objetivos norteadores do trabalho docente.

c) Mesmo os objetivos previstos para a leitura, interpretação e redação não previam o ensino destas habilidades de uso da língua em situações concretas de comunicação. Na redação, por exemplo, um dos enfoques era a letra, outro o capricho; na leitura observava-se a postura e o objetivo da interpretação: "interpretar textos com expressão e clareza, capricho e idéia central", dada a sua formulação imprecisa, não diz o que, de fato, o professor pretende alcançar.

Em síntese, a análise dos objetivos revelaram uma preocupação constante: ensino de gramática.

Quanto às atividades desenvolvidas com o aluno, três aspectos merecem ser salientados:

- 1-Tipos de atividades
- 2-Frequência em que ocorreram
- 3-Possibilidade de relacionamento entre uma informação e outra.

1-TIPOS DE ATIVIDADES:

De um modo geral, as atividades realizadas no corrente ano (1981), com as turmas de 7^a série foram assim distribuídas: leitura, interpretação, redação, expressão oral (aulas da fala), gramática e outras atividades.

As leituras eram feitas em sala de aula com o auxílio do livro-texto e, esporadicamente, mediante textos fornecidos pelo professor. Constatou-se esta atividade de um treinamento de leitura silenciosa e oral. Após um primeiro contato com o texto (leitura silenciosa) o professor efetuava leitura oral e, após, solicitava que os alunos alternadamente lessem a parte do texto que lhes cabia. Observou-se também que todos os alunos leram, em média, um livro este ano, atividade esta cobrada pelo professor através de uma ficha de leitura. Esta modalidade de leitura desenvolveu-se fora da sala de aula.

As interpretações seguiam todas o mesmo esquema. Eram feitas no livro-texto e constavam de um estudo do vocabulário e de algumas questões relativas ao assunto, a serem respondidas pelo aluno com palavras do próprio texto ou apenas assinadas com uma cruz.

Questões do estilo:

Quais os personagens do texto? O que aconteceu em tal lugar? Qual a atitude tomada pelo personagem frente a determinada situação? Retirar do texto a frase representada pela gravura seguinte. Como se sentia a autora ao presenciar os diferentes cenários de que fala o texto? (...)

As redações não se relacionavam com assuntos estudados. Os títulos eram sugeridos em aula pelo professor ou surgiam de uma proposição do livro-texto através de uma gravura a ser observada e descrita; de um texto modelo a ser seguido para a narração de um fato semelhante ou de um título solto a ser desenvolvido. Um exemplo desta última modalidade pode ser encontrado em um dos livros-texto que apresentou para leitura o fragmento "Tempestade" (Jorge Amado) e sugeriu para a redação três títulos: "A escolha da profissão", "O tempo não esperaninguem" e "Música jovem: contestação ou alienação".

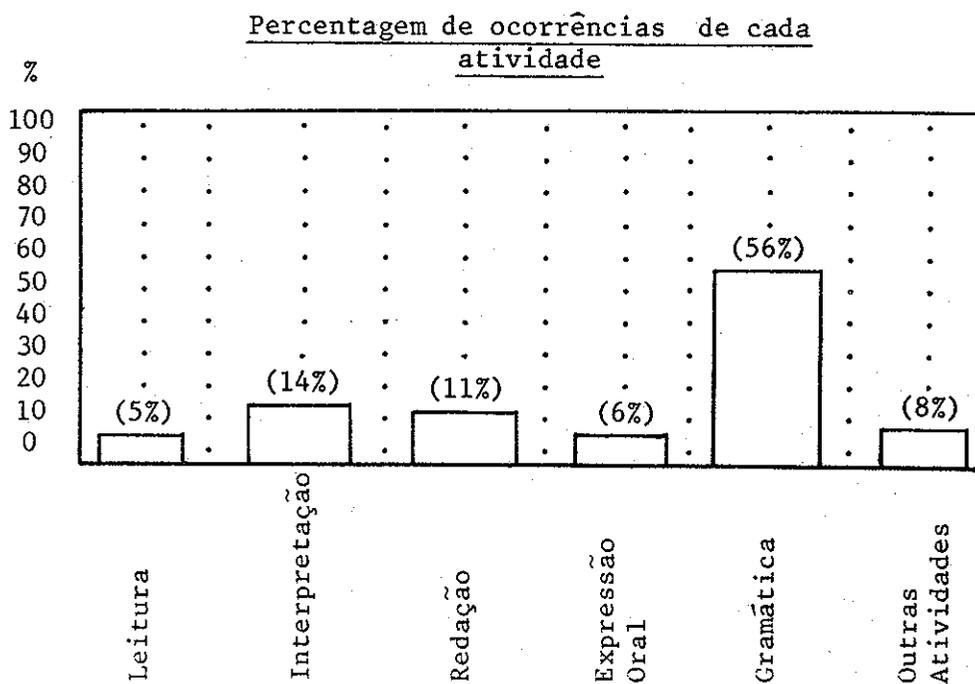
A expressão oral (aulas de fala) constou da apresentação oral para os colegas de um assunto escolhido pelo próprio aluno que poderia relatá-lo com suas próprias palavras ou memorizá-lo e transmiti-lo de cor. Após a apresentação o aluno poderia ser interrogado por colegas e professores sobre o assunto abordado.

Quanto à gramática, noções de morfologia, sintaxe, pontuação e algumas pinceladas de fonética foram desenvolvidas através de regras, definições e exercícios de fixação.

As outras atividades, mencionadas anteriormente, referem-se aos testes, aulas destinadas à distribuição de boletins, entrega e comentário de testes e trabalhos, atividades cívicas, atividades educativas (aula inaugural, apresentação dos alunos novos, atividades previstas pelo SOE, SOP, ...), etc.

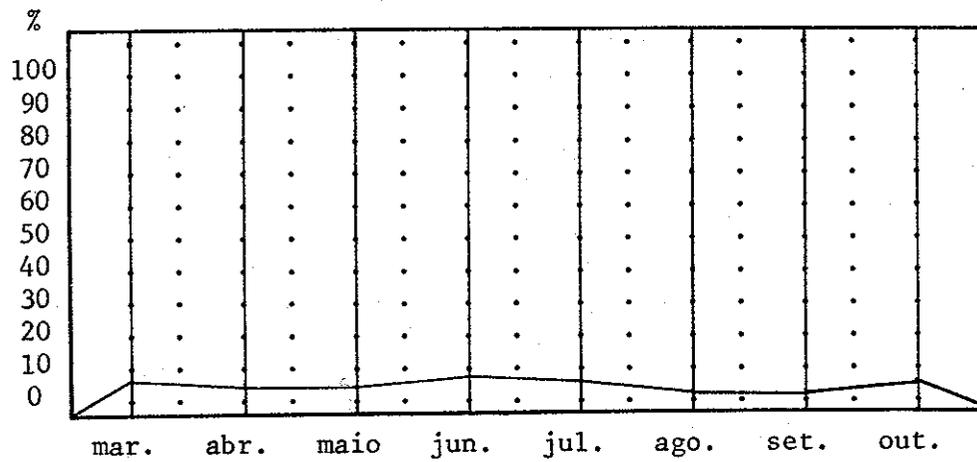
2-FREQUÊNCIA EM QUE OCORREM:

Ao examinar-se o número de aulas disponíveis para o ensino de língua portuguesa e sua distribuição pelas atividades desenvolvidas com o aluno, notou-se uma predominância excessiva das aulas de gramática, o que se confirmaria como gráfico a seguir, apresentando a média geral de ocorrências de cada atividade nas diferentes turmas analisadas:

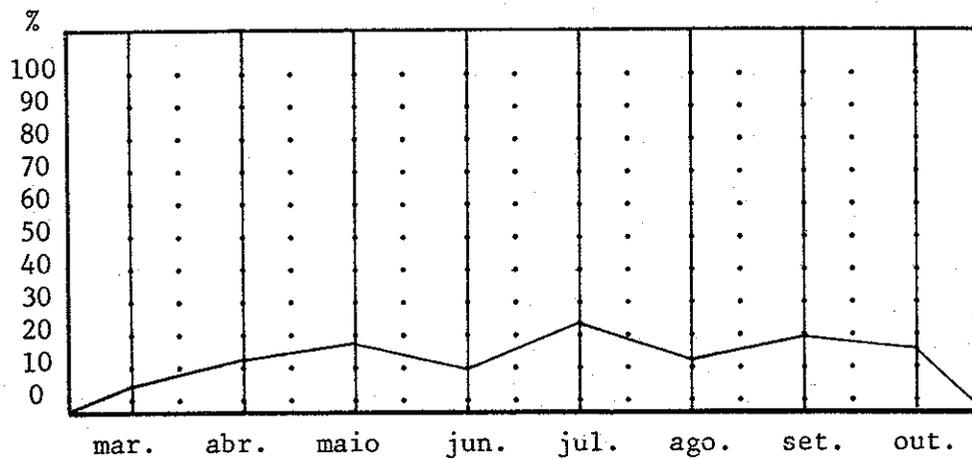


Uma visão mais detalhada do que isto significa pode ser delineada pela percentagem de ocorrências de cada atividade entre os meses de março a outubro deste ano.

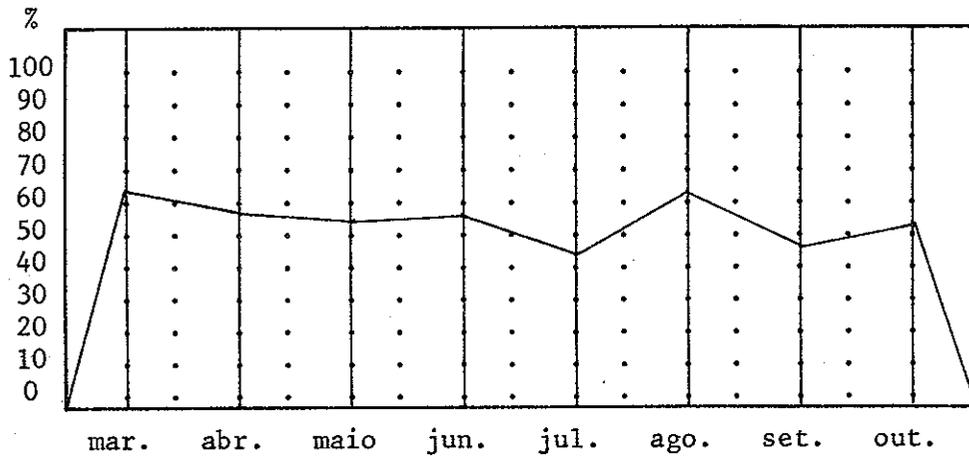
Ocorrências em leitura



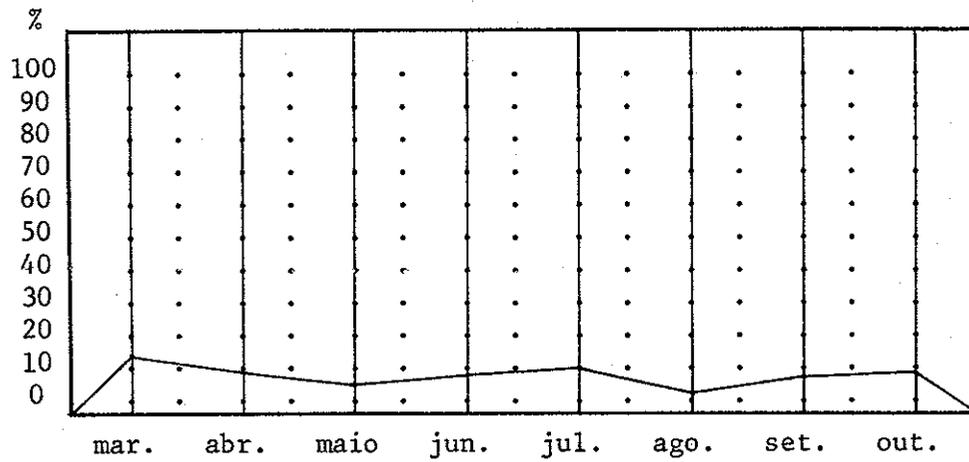
Ocorrências em interpretação



Ocorrências em gramática



Ocorrências em outras atividades



3-POSSIBILIDADE DE RELACIONAMENTO ENTRE UMA INFORMAÇÃO E OUTRA:

Sob esta perspectiva procurou-se analisar os possíveis vínculos estabelecidos entre uma informação e outra, uma vez que a aprendizagem não é soma de experiências, mas uma interação.

O estudo de sinônimos, por exemplo, que acompanhava cada interpretação proposta no livro-texto, não levou em conta as relações sintagmáticas ou relações de colocação que são fundamentais na aprendizagem do léxico.

Os fatos fonéticos apresentados e exercitados (em duas das turmas analisadas) não tiveram como finalidade o ensino sistemático da pronúncia e da leitura. Note-se que nestas mesmas turmas a ênfase foi dada ao emprego correto de consoantes como g e j, s e z, ch e x, etc., mas na escrita.

A simples classificação de termos da oração não ofereceu por si só respaldo suficiente para se entender a colocação destes termos no sintagma e as relações que se estabelecem entre os mesmos na construção da oração.

Em linhas gerais o que se pôde comprovar foi que, a cada bimestre, novos fatos da língua eram trabalhados sem uma preocupação maior com a aplicação destas noções a uma situação concreta de uso da língua.

COMENTÁRIO DOS RESULTADOS

Basta uma observação um pouco mais atenta dos dados descritos para se verificar o quanto os objetivos e atividades previstas pelos professores de língua portuguesa se distanciam do ensino desta mesma língua como instrumento de comunicação.

As habilidades de uso da língua (falar, escrever, ouvir e ler) são relegados a plano secundário. A gramática se sobrepõe nos planejamentos, nas atividades desenvolvidas pelo professor, ocupando 56% das aulas previstas para o ensino de língua portuguesa nas turmas de 7^{as} séries analisadas.

A gramática é a espinha dorsal do ensino de língua portuguesa. Mesmo assim as regras e noções gramaticais ensinadas não permitem ao aluno uma disposição suficiente da língua que deve aprender.

Fala-se, obviamente, em leitura, interpretação, reda-

ção, expressão oral mas, além de se constituírem atividades acessórias, não permitem, da forma como são desenvolvidas, a comunicação e expressão do aluno entendendo e produzindo enunciados adequados aos diferentes contextos.

Possibilita-se um "treinamento" em leitura silenciosa e oral. A interpretação proposta se limita a uma identificação de situações e personagens. A capacidade de reconhecer e distinguir letras, palavras e grupos de palavras é exercitada; mas a habilidade de compreender o sentido global do texto não se realiza.

A expressão oral é um rótulo apenas, porque a repetição mecânica de um fato através da memorização não treina nem a forma de falar do aluno nem o padrão de língua dita culta, ensinada pela escola. E os exercícios de redação realizados não objetivam um aperfeiçoamento da expressão escrita do aluno: antes, procuram exercitar a pontuação (questão gramatical) e levar o aluno a escrever com capricho e letra bonita (questão de estética), conforme o que se pôde apurar nos planejamentos analisados.

Se, entre outras coisas, objetivos e atividades enfocam um posicionamento do professor frente ao ensino da língua, como diz Geraldí, os fatos comprovam que esta visão é equivocada - não pensa a língua como instrumento de comunicação e, conseqüentemente, não direciona o ensino da língua no sentido de permitir uma interação entre os indivíduos.

CONCLUSÃO

Nossa hipótese não se confirmou - as atividades que operacionalizam os objetivos previstos pelo professor no ensino de língua portuguesa não revelam o ensino da língua como instrumento de comunicação.

A proposta da Lei 5692/71 para o ensino da língua permanece no papel. Os rótulos mudaram, não a forma de ensinar.

Os professores ensinam o que dominam com mais facilidade, isto é, regras, conceitos, exercícios gramaticais. O fato de pouco se conhecer sobre o desempenho lingüístico do aluno que vem para a escola; o fato de se ignorar que na sala de aula o que se ensina é uma outra modalidade de linguagem; o fato de não se saber exatamente como direcionar a aprendizagem e treinamento da leitura para se chegar à interpretação do texto

e, finalmente, o fato de não se saber com exatidão como fazer da expressão escrita uma atividade produtiva - convergem para uma visão caótica do que seja ensinar língua portuguesa.

Acreditamos que, no íntimo, grande parte dos professores entendam que o ensino da língua deve permitir ao aluno pelo menos ler, falar e escrever melhor, embora esta não seja a concepção confessa na maioria dos objetivos encontrados nos planejamentos existentes.

Como mudar os rumos desta história? Que alternativas de solução poderiam ser postos em prática?

Considerando que em nossa cidade (Rio Pardo) a quase totalidade de professores que atuam no ensino de língua portuguesa devem sua formação superior à Faculdade sediada em Santa Cruz do Sul, pensamos na possibilidade de sugerir à Direção desta Faculdade a inclusão, no currículo do Curso de Letras, da cadeira de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa.

Uma segunda alternativa seria a formação em nossa comunidade de núcleos de professores com o objetivo de trocar experiências de magistério, estudar e discutir em grupo questões atinentes ao ensino de língua portuguesa.

Por fim, um trabalho coeso do pessoal egresso do Curso de Pós-Graduação deste ano, no sentido de incentivar os demais colegas para uma experiência semelhante, ou mesmo para uma busca de aperfeiçoamento pessoal através da leitura de obras especializadas, ou quem sabe da frequência a outros cursos de aprofundamento.

Ao encerrarmos este relatório, reforçamos uma idéia que nos parece fundamental: se o ensino de línguas deixa a desejar, antes de nós, professores, nos perguntarmos o que há de errado com o aluno, vale a pena repensarmos, em primeira instância, a nossa própria maneira de ensinar.

BIBLIOGRAFIA

GERALDI, João Wanderley - *Subsídios metodológicos para o ensino de Língua Portuguesa*, (5^a a 8^a série), Ijuí, Cadernos da FIDENE, Nº 18, 1981.

GNERRE, Maurizio - "Linguagem e Poder" in *Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 2º grau*, vol. IV, Va-

riação lingüística e ensino de língua materna. Secretaria de Estado e Educação, São Paulo, 1978.

ROULET, Eddy - *Teorias lingüísticas, gramática e ensino de línguas*, São Paulo, Pioneira, 1978.